



A JUVENTUDE OPERÁRIA CATÓLICA

Raimundo César de Oliveira Mattos*

Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ

66mattos@uol.com.br

RESUMO: A JOC – Juventude Operária Católica – desempenhou um papel importante no cenário nacional na construção de uma nova utopia, principalmente a partir do golpe de 1964 que procurou amordaçar as poucas vozes que se levantaram para defender os direitos dos trabalhadores. Representativa, ainda, de uma nova maneira de organização do laicato na Igreja Católica, não encontrou, por parte da hierarquia eclesiástica, o apoio suficiente para sobreviver e, mesmo não extinta oficialmente como foi a Juventude Universitária Católica, acabou desaparecendo devido à perseguição militar e ao descaso de muitos bispos que não compreenderam a sua importância. Destacamos, em nossa dissertação de mestrado, esta importância que rendeu os frutos de novos movimentos sociais dentro da Igreja que, agredida em sua hierarquia, acabou por voltar-se contra um regime que muitos eclesiásticos chegaram a aplaudir.

PALAVRAS CHAVE: Utopia – Juventude Operária – Laicato

ABSTRACT: JOC – Catholic Workers Youth – has played an important role in the national scenery in building a new utopy, mainly since the 1964 political coup which tried to silence the few voices that arose to defend the rights of the workers. Representative still of a new way of organizing the laicity of the Catholic Church, it couldn't get from the ecclesiastic hierarchy, enough support to survive and, even not officially extinct as the Catholic University Youth, it finished by disappearing and the indifference of many bishops that couldn't understand its importance. We high light in our Master Degree dissertation, this importance which bore fruits to new social actions inside the church, wich, hit in its hierarchy, came to turn against regime that may priests have even cheered.

KEYWORDS: Utopy – Workers youth – Laycity

CRIAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DA JOC NO BRASIL

Alberto Melucci¹ inicia capítulo em sua obra indagando: “Ser jovem, uma escolha ou um destino?” E continua: “Por que existe uma ‘questão juvenil’? De onde vem o interesse para estudar os jovens?” Procurando responder a essas indagações, ele

* Mestre em História Social pela USS, professor titular do CESVA/FAA e doutorando em História Política pelo PPGH da Universidade Estadual do Rio Janeiro – UERJ.

¹ MELUCCI, Alberto. **A Invenção do Presente**. Movimentos Sociais nas Sociedades Complexas. Petrópolis: Vozes, 2001.

afirma que, em termos da sociologia do conhecimento é relativamente simples, uma vez que os jovens são atores de conflitos. E passa a afirmar que tal percurso constitui um exemplo pelo modo de enfrentar-se o problema teórico dos movimentos sociais, ou seja, “da presença de uma ação coletiva passa-se a interrogar-se sobre a condição social de uma certa categoria (nesse caso, os jovens) para deduzir daí as causas da ação”.²

Analisando-se a questão operária no Brasil no período que vai do fim do Estado Novo até os primeiros anos do governo militar, constatamos que a formação e organização da JOC, Juventude Operária Católica, movimento religioso ligado à Igreja Católica com uma certa preocupação social, teve uma importância marcante no processo de criação de uma ação coletiva dentro da condição social de uma categoria delineada: a juventude trabalhadora operária.

A Juventude Operária Católica foi um movimento que congregava jovens trabalhadores e que, no Brasil após o golpe militar de 1964, passou a ser vítima de uma perseguição sistemática pelo regime. Diversos núcleos foram duramente perseguidos sem terem um claro posicionamento político, mas muitos deles também, já antes e principalmente depois de 64, passaram a organizar uma certa resistência. O caso que aqui tratamos refere-se a uma exceção frente a este posicionamento político: o núcleo da JOC em Valença, interior do Rio de Janeiro. Nosso texto procurará apresentar um apanhado geral da dissertação de mestrado apresentada à Universidade Severino Sombra em 2003, a qual procurou entender as razões pelas quais a JOC em Valença não adotou uma postura crítica nem se posicionou politicamente em nenhum momento de sua existência, apesar de também ter representado, para vários de seus ex-membros entrevistados para a elaboração da dissertação, uma espécie de utopia. Foram utilizados, pela precariedade dos documentos escritos, depoimentos de ex-jocistas e pessoas que estiveram ligadas, direta ou indiretamente, ao movimento ou a outras que dele fizeram parte.

Valmir Francisco Muraro, em uma pequena obra sobre a JOC,³ trata do que ele classifica como “utopia jocista”. Não foi, ainda segundo o mesmo autor, apenas um sonho ou uma esperança abstrata, mas uma real possibilidade que se constituía nas fendas propostas pela transformação econômica brasileira.

² MELUCCI, Alberto. **A Invenção do Presente**. Movimentos Sociais nas Sociedades Complexas. Petrópolis: Vozes, p. 100.

³ MURARO, Valmir Francisco. **Juventude Operária Católica**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Note-se que o autor utiliza o termo “utopia” não como uma imaginação, um projeto ou um “sonho irrealizável e narcotizante”, mas designando uma força capaz de provocar mudanças sociais profundas. Nesse sentido, estabelece-se uma ligação com o exposto em Karl Mannheim:

Utopias [...] são aquelas idéias, representações e teorias que aspiram uma outra realidade, uma realidade ainda inexistente. Têm, portanto, uma dimensão crítica ou de negação da ordem social existente e se orientam para sua ruptura. Deste modo, as utopias têm uma função subversiva, uma função crítica e, em alguns casos, uma função revolucionária.⁴

Michael Löwy, por sua vez, procura outra terminologia para aplicar tanto às ideologias quanto às utopias: “visão social de mundo”. E afirma que as “visões sociais utópicas” são aquelas que possuem uma função crítica, negativa, subversiva, quando apontam para uma realidade ainda não existente. Ora, nesse sentido, a história da “utopia” jocista conheceu momentos bem diferentes em sua trajetória, passando do “sonho” da salvação evangélica para a idéia do “paraíso social e deste para a idéia de revolução social”.⁵

O movimento surgiu na Bélgica, criado pelo Padre Leon Joseph Cardijn, nascido na Cidade de Schaerbeek em 13 de dezembro de 1882, perto de Bruxelas. Pertencia a uma família de classe operária e, ainda adolescente, ingressou no seminário da Cidade de Malinas, tendo norteado sua vida pela doutrina católica o quê, aliás, era comum às famílias pobres de sua época. Cresceu em uma Bélgica industrializada na expansão econômica de finais do século XIX. Nesse contexto, os trabalhadores tiveram que pagar um forte preço pela transição para uma sociedade industrial moderna: condições de trabalho perigosas, longas jornadas, baixos salários.

Durante o período de férias escolares, chamou-lhe a atenção um fato: a maioria de seus antigos colegas, ao trocarem o estudo pelo trabalho, acabavam se afastando da Igreja e das práticas religiosas. Muitos deles perdiam a fé e até tornavam-se adversários do catolicismo. Contando então quinze anos, Cardijn constatou que a Igreja tinha pouca ou mesmo nenhuma influência junto aos jovens operários que enxergavam o clero como “aliado das classes dominantes”. Foi talvez esta amarga experiência de rejeição da Igreja pelos operários que levou Cardijn a descobrir o mundo de sua vocação sacerdotal.

⁴ Citado em LÖWY, Michael. **Ideologias e Ciência Social**. Elementos para uma análise marxista. São Paulo: Cortez, 2002, p. 13.

⁵ MURARO, Valmir Francisco. **Juventude Operária Católica**. São Paulo: Brasiliense, p. 13.

A morte do pai por enfermidade profissional, por sua vez, levou Cardijn a prometer dedicar sua vida à causa da juventude trabalhadora.

O jovem seminarista tinha se alarmado com o fato de que o marxismo encontrava forte aceitação entre os operários de sua idade e passou a conceber a idéia de organizar um movimento de fundo cristão que fosse ao encontro desses jovens. Era o germe do movimento jocista que tomava forma em sua mente e que rapidamente se organizou. Por tais circunstâncias compreende-se porquê o movimento jocista, em boa parte de sua história, inclusive no Brasil, foi marcadamente anti-marxista. A realidade vivenciada pelo Padre Cardijn, o meio em que se desenvolveram as suas idéias para a criação da JOC acentuaram, de forma marcante, a tendência do movimento. No ambiente da fábrica as idéias marxistas acabavam sendo mais atraentes que as pregações católicas, ainda mais se levarmos em conta o afastamento considerável entre a hierarquia eclesiástica e o operariado, o que tinha levado a constatações como a do Papa Pio XI:

O Papa Pio XI havia lamentado que o maior escândalo do século XIX tivesse sido o fato da Igreja ter perdido a classe operária, e Pio XI e Pio XII viam a reconquista dessa classe como um objetivo prioritário.⁶

Nas fábricas, o apostolado católico estava mais voltado para as elites econômicas, o que levava os jovens a um desinteresse pela religião que não respondia às suas necessidades. Foi diante de tais fatos que o então seminarista e depois Padre Cardijn criou a idéia de organizar um movimento religioso que pudesse reconquistar os jovens trabalhadores para o catolicismo. No entanto, para o Padre Cardijn os jovens operários deveriam ser mais do que simples objetos de uma conscientização. Deviam, eles mesmos, ser os agentes desta conscientização, agentes na resolução de seus problemas, condenando toda forma de paternalismo e assistencialismo. A Igreja entraria apenas como um apoio organizativo, pois toda a ação deveria ser sugerida e realizada pelos trabalhadores. Uma vez constatados os problemas, era necessário analisá-los para poder agir com maior segurança.

No princípio, o novo movimento não foi bem visto por parte da hierarquia eclesiástica belga, que não aprovava um movimento autônomo, principalmente na medida em que este desaprovava a atuação do clero despreocupado com os problemas

⁶ MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil (1916/1985)**. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 141.

sociais. A questão suscitada entre os bispos era: seria o movimento jocista uma versão comunista da atividade cristã católica? Na verdade, o movimento jocista apresentou-se como uma opção para os operários frente ao marxismo. Seguiu retamente a Doutrina Social da Igreja expressa nas encíclicas papais. Mas era um movimento renovador e relativamente progressista diante da realidade religiosa em que se apresentou. No entanto, acabou por impor-se, uma vez que:

Do ponto de vista da Igreja institucional, a JOC era parte de um esforço amplo de realizar uma cautelosa modernização através do desenvolvimento de um trabalho pastoral mais eficaz entre a classe trabalhadora.⁷

As preocupações da Igreja com os problemas operários vinham desde 1891, ano em que foi editada a *Rerum Novarum* do Papa Leão XIII. Outros atos e pronunciamentos papais seguiram-se a esta encíclica, abordando os problemas da sociedade, mas o jocismo surgiu, na prática, como o movimento mais promissor, ainda mais levando-se em conta a questão aberta entre o clero e o laicato. Tal questão dizia respeito ao papel do laicato na Igreja, ou seja, qual seria a atribuição, quais seriam as funções dos leigos dentro da Igreja e fora dela. A JOC surgiu como um novo alimento para os trabalhadores que, na visão de seu criador e dos próprios jocistas, iriam refazer o mundo conjuntamente com a Igreja.

Alguns anos foram necessários, no entanto, para a aprovação efetiva do movimento. As desconfianças do clero belga e do próprio núncio apostólico, Cardeal Mercier, levaram Cardijn até o Papa Pio XI que interferiu pessoalmente para tornar viável a organização do movimento. Pio XI agradeceu a “sagrada ambição da JOC de organizar, não só uma elite, mas o conjunto da classe trabalhadora”. Isso ocorreu em 1925, quando o Vaticano reconheceu a JOC como um movimento oficial da Igreja e foi obtido o apoio do clero belga, agora apaziguado com a aprovação oficial. Ao mesmo tempo, foi permitido um espaço para a difusão do novo organismo.

A partir da década de 20 o jocismo organizou-se na Bélgica, alcançando grande sucesso, o que permitiu ao movimento, na década seguinte, deixar os limites de seu país de origem assumindo dimensões internacionais. O sucesso alcançado pelo movimento tanto na Europa quanto em outros continentes, conquistando jovens trabalhadores,

⁷ MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil (1916/1985)**. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 141.

acabou convencendo o Vaticano a apoiar a implantação do jocismo em países onde a industrialização se fazia presente.

Ao ser instalado no Brasil, o movimento jocista representava uma tentativa de união dos jovens operários em torno de uma luta de transformação da vida operária. Pretendia mostrar aos trabalhadores o “valor de ser filhos de Deus”. Os primeiros grupos no país foram criados na metade da década de 1930. Mas foi só em meados da década de 40, quando foi organizada a Ação Católica, que a JOC começaria a se tornar um movimento importante.⁸

Segundo Mainwaring, existiam no Brasil alguns problemas enfrentados pela Igreja, a saber: o processo de secularização, a erosão do monopólio religioso, o baixo comparecimento às cerimônias religiosas em áreas rurais. Tais problemas já haviam sido apontados por D. Sebastião Leme em sua carta pastoral de 1916, ano em que assumiu a Arquidiocese do Rio de Janeiro. Tudo isso trouxe a conscientização de uma necessidade de desenvolver práticas pastorais mais eficazes, especialmente entre a classe operária urbana. Havia a crença, entre o clero, de que a classe trabalhadora era religiosamente ignorante e de que a Igreja precisava implantar uma fé mais atuante. Tal preocupação encontra-se expressa nos documentos da JOC do final da década de 50 e início da de 60.

O primeiro período da História da JOC no Brasil, se caracterizou por vagos traços de reivindicações sociais. Seus objetivos eram mais espirituais que materiais. A idéia de revolução social não era, enfaticamente, colocada.

No segundo período, orientaram-se as atividades jocistas pela predominância de idéias liberais e humanitárias. Mas estava longe, ainda, de uma proposta reformista ou revolucionária. Reivindicava-se uma sociedade menos cruel e exploratória. Pretendia-se conseguir dos governantes a instalação de dispositivos reguladores das relações sócio-econômicas que pudessem minimizar os problemas materiais dos operários. Eram idéias transformistas, embora elementares. Seguiam paralelamente as próprias diretrizes do Estado Novo trabalhista, concessor de privilégios aos operários, embora com o preço de sua liberdade de ação. Estávamos em um período intermediário,

⁸ É conveniente esclarecer que a JOC foi fundada como um movimento autônomo que nada tinha a ver com a Ação Católica. Com o tempo, no entanto, a JOC brasileira acabou tornando-se um dos ramos especializados da ACB, isto é, voltado para uma parcela específica da população.

entre o suicídio de Vargas e o golpe de 64, período esse que, segundo Marco Aurélio Nogueira:

[...] desde o final dos anos 50, o Brasil mergulhara num ciclo de profundas transformações estruturais, que alterava o perfil de sua economia, de sua sociedade e de sua cultura. Dentre outras coisas, conviviam-se com um novo padrão de demanda societal por bens e serviços públicos, que passaria a desafiar cada vez mais o Estado.⁹

Nesse ponto da evolução jocista, pensava-se na fusão da “utopia” religiosa em um programa político que a levasse a efeito. O estabelecimento de uma nova vida, alcançada através da substituição total do regime sócio-econômico em vigor, seria a preocupação de uma reforma política. O jocismo brasileiro, após 64, aproximou-se nitidamente desse tipo de “utopia”, na medida em que seus militantes foram perseguidos e encarcerados. Nesse terceiro momento, as mudanças propostas deveriam ser realizadas imediatamente, não em um futuro distante. A imaginação utópica passou a manifestar-se na forma de idéias revolucionárias, onde os trabalhadores organizados poderiam promover as mudanças sociais desejadas. A partir daí, a intolerância e a violência opressora se fizeram presentes. O regime instalado no Brasil com o golpe de 64 sentia-se ameaçado por qualquer forma de organização popular, ainda que apenas discordassem dos princípios impostos pelos novos governantes.

Valmir Muraro, neste ponto, afirma que “não é possível eliminar completamente a imaginação utópica” e que a “repressão movida pelo Estado e a indiferença do clero em relação à violência praticada contra os membros da JOC não conseguiram destruir a ‘utopia’ jocista”. A destruição do jocismo brasileiro, considerada por ele como aparente, não significou o fim da “utopia” operária brasileira, mas apenas a “superação de uma etapa. A pastoral popular desenvolvida atualmente pela Igreja no Brasil também foi um dos excedentes utópicos que foram além da morte formal do movimento jocista”.

Sobre o movimento podemos ainda apontar dois pontos a serem discutidos:

- o papel da juventude operária em um determinado contexto histórico;
- a inserção desta atividade no tema movimentos sociais.

⁹ NOGUEIRA, Marco Aurélio. As possibilidades da política. Idéias para a reforma democrática do Estado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998, p. 103.

PAPEL DA JUVENTUDE OPERÁRIA CATÓLICA NAS DÉCADAS DE 50 E 60

Segundo Valmir Francisco Muraro, “os problemas materiais dos trabalhadores brasileiros nos últimos anos da década de 1940 influenciaram a instalação de uma ‘utopia no país:’ JOC”.¹⁰ Foi um movimento que se apresentou como força capaz de transformar a realidade operária da época, impulsionando as inovações, as descobertas “e até mesmo as revoluções”. Não foi, ainda segundo o autor, apenas um sonho ou uma esperança abstrata, mas uma real possibilidade que se constituiu nas fendas propostas pela transformação econômica brasileira.

Note-se que o autor utiliza o termo utopia não como uma imaginação, um projeto ou um “sonho irrealizável e narcotizante”, mas designando uma força capaz de provocar mudanças sociais profundas. Nesse sentido, estabelece-se – uma ligação com o exposto por Karl Mannheim:¹¹

Utopias [...] são aquelas idéias, representações e teorias que aspiram uma outra realidade, uma realidade ainda inexistente. Têm, portanto, uma dimensão crítica ou de negação da ordem social existente e se orientam para sua ruptura. Deste modo, as utopias têm uma função subversiva, uma função crítica e, em alguns casos, uma função revolucionária.¹²

Michael Löwy, por sua vez, procura outra terminologia para aplicar tanto às ideologias quanto às utopias: visão social de mundo. E afirma que as visões sociais de mundo são aquelas que possuem uma função crítica, negativa, subversiva, quando apontam para uma realidade ainda não existente. Ora, nesse sentido, a história da utopia jocista conheceu momentos bem diferentes em sua trajetória, passando do sonho da salvação evangélica para a idéia do paraíso social e deste para a idéia de revolução social.

Houve todo um evoluir na estrutura e na forma de agir e pensar da JOC brasileira. No primeiro período, defendia-se o Evangelho como fundamento de uma sociedade igualitária, justa e feliz. A partir do momento em que todos os cidadãos cumprissem os preceitos evangélicos, “o melhor dos mundos se instalaria como o reinado cristão”. Tratava-se, aqui, do princípio teórico básico do movimento. Esse

¹⁰ MURARO, Valmir Francisco. **Juventude Operária Católica**. São Paulo: Brasiliense, p. 12.

¹¹ Citado em LÖWY, Michael. **Ideologias e Ciência Social**. Elementos para uma análise marxista. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

¹² Ibid., p. 13.

mundo seria alcançado sem conflitos com as autoridades constituídas ou com os donos do capital, seguindo-se o preceituado pela Doutrina Social da Igreja:

[...] assim também, na sociedade, as duas classes estão destinadas pela natureza a unirem-se harmoniosamente e a conservarem-se mutuamente em perfeito equilíbrio. Elas têm imperiosa necessidade uma da outra: não pode haver capital sem trabalho, nem trabalho sem capital. A concórdia traz consigo a ordem e a beleza [...].¹³

Por isso, nesse primeiro instante a JOC caracterizou-se por vagos traços de reivindicações sociais. Seus objetivos eram mais espirituais que materiais. A idéia de revolução social não era, enfaticamente, colocada.

Em um segundo momento, orientaram-se as atividades jocistas pela predominância de idéias liberais e humanitárias. Mas estava longe, ainda, de uma proposta reformista ou revolucionária. Reivindicava-se uma sociedade menos cruel e exploratória. Pretendia-se conseguir dos governantes a instalação de dispositivos reguladores das relações sócio-econômicas que pudessem minimizar os problemas materiais dos operários. Eram idéias transformadoras, embora elementares.

Mais para frente, passou-se a se pensar na fusão da utopia religiosa em um programa político que a levasse a efeito. O estabelecimento de uma nova vida, alcançada através da substituição total do regime sócio-econômico em vigor, seria a preocupação de uma reforma política. O jocismo brasileiro, após 1964, aproximou-se nitidamente desse tipo de utopia, na medida em que seus militantes foram perseguidos e encarcerados. Nesse terceiro momento, as mudanças propostas deveriam ser realizadas imediatamente, não em um futuro distante. A imaginação utópica passou a manifestar-se na forma de idéias revolucionárias, onde os trabalhadores organizados poderiam promover as mudanças sociais desejadas. A partir daí, a intolerância e a violência opressora se fizeram presentes. O regime instalado no Brasil com o golpe de 1964 sentia-se ameaçado por qualquer forma de organização popular, ainda que apenas discordassem dos princípios impostos pelos novos governantes.

Valmir Muraro, neste ponto, afirma que “não é possível eliminar completamente a imaginação utópica”¹⁴ e que “a repressão movida pelo Estado e a indiferença do clero em relação à violência praticada contra os membros da JOC não

¹³ LEÃO XIII. **Rerum Novarum**. São Paulo: Paulinas, 2002.

¹⁴ MURARO, Valmir Francisco. **Juventude Operária Católica**. São Paulo: Brasiliense, p. 15.

conseguiram destruir a ‘utopia’ jocista”.¹⁵ A destruição do jocismo brasileiro, considerada por ele como aparente, não significou o fim da utopia operária brasileira, mas apenas

[...] a superação de uma etapa. A pastoral popular desenvolvida atualmente pela Igreja no Brasil também foi um dos excedentes utópicos que foram além da morte formal do movimento jocista.¹⁶

A repressão inaugurada em 64 fez surgir nos jocistas uma nova visão social. A nova situação deixou claro, no entanto, que somente uma transformação radical da sociedade poderia melhorar a situação dos setores menos favorecidos da população. Passou-se a substituir o anticomunismo antigo do movimento jocista por uma posição mais moderada: os comunistas passaram a ser vistos como possíveis aliados na luta pelos direitos dos trabalhadores. É lógico, porém, que tal comportamento não foi geral, existindo núcleos jocistas que se mantiveram sem grandes alterações em seu ideário social e político. Até 1964 alimentava-se a esperança de mudanças pacíficas. O golpe enterrou tal visão, contribuindo para a mudança de posição e atitudes. Nunca o sonho da salvação da classe trabalhadora, alimentado pelo criador da JOC, Monsenhor Leon Cardjin, esteve tão presente na imaginação do jocismo brasileiro. Destaque-se que, durante a década de 1960, ia se tornando mais clara a presença de uma esquerda católica na pastoral especializada da Ação Católica Brasileira, da qual fazia parte a JOC. A ACB foi se radicalizando e aproximando-se da esquerda, distanciando-se da orientação eclesial, caminhando para criar vida própria e autônoma em relação à hierarquia católica. Com isso, a idéia revolucionária tornava-se mais forte que a perspectiva desenvolvimentista alardeada pelo novo regime e os militantes considerados mais radicais da JUC, Juventude Universitária Católica, da JEC, Juventude Estudantil Católica e da JOC, como resultado desse novo ambiente, ajudaram na formação, em 1963, da Ação Popular, que optou por uma política de preparação revolucionária, atuando na mobilização e conscientização popular em uma luta contra a exploração capitalista.

Entre 1964 e 1968 os jocistas tentaram ser porta-vozes dos leigos que pretendiam transformar revolucionariamente o papel da Igreja e da sociedade, mas foram perdendo sua liberdade de ação, quer seja pela vigilância do regime, quer seja

¹⁵ MURARO, Valmir Francisco. **Juventude Operária Católica**. São Paulo: Brasiliense, p. 16.

¹⁶ Ibid.

pela diluição lenta promovida pelo episcopado. Foram pressões tanto da parte das autoridades eclesiásticas como das policiais. O relacionamento da JOC com o Estado foi se deteriorando progressivamente. Como exemplo, logo após o golpe algumas regiões distribuíram críticas e advertências contra o novo regime e, na medida em que o governo procurou sair da crise através do sacrifício dos operários, as críticas da parte dos jocistas foram aumentando. A repressão mais violenta contra o movimento iniciou-se a partir do Congresso realizado pela ACB e pela JOC em Recife (1968), quando seus documentos foram considerados profundamente subversivos pelos militares. Depois de 1970, enquanto o movimento jocista continuava sua trajetória em outras partes do mundo, até mesmo em alguns países da América Latina, no Brasil subsistiu apenas debilmente em algumas cidades, ou transfigurou-se com outras roupagens.

Havia, antes do golpe de 64, no entanto, toda uma preocupação de a JOC afirmar-se como um movimento não somente dos jovens trabalhadores, mas como uma organização representativa do mundo operário. Seus militantes tinham passado, em grande número, a participar das organizações operárias como sindicatos, associações profissionais, clubes de bairros e mesmo de associações partidárias. Já se falava em revolução e trabalhava-se para isso. Nesse sentido é que se entende que o movimento de 64 tenha sido considerado, pelos jocistas, como uma anti-revolução. Chegou-se mesmo, em 1967, à conclusão, por parte de alguns membros da JOC, de que “o marxismo para nós é uma doutrina como qualquer outra. O comunismo não nos assusta. Se o marxismo contribui para dar ao operário aquilo de que ele precisa e permite a sua realização como indivíduo, não nos colocamos contra ele”.¹⁷ Isso acabou por selar o destino do movimento.

Segundo E. P. Thompson,¹⁸ “consciência de classe surge da mesma forma em tempos e lugares diferentes, mas nunca exatamente da mesma forma”.¹⁹ A JOC procurou, à sua maneira, despertar essa consciência de classe na juventude operária no Brasil dos anos 50 e 60. Foi a utopia jocista, massacrada pelo regime militar mas que marcou a história dos movimentos sociais no Brasil, como precursora de uma nova ordem social, política e econômica.

¹⁷ Cf. MURARO, Valmir Francisco. **Juventude Operária Católica**. São Paulo: Brasiliense, p. 63.

¹⁸ THOMPSON, Edward P. **A Formação da Classe Operária Inglesa I**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

¹⁹ Ibid.

A JOC ENTENDIDA COMO MOVIMENTO SOCIAL

Claus Offe afirma que os temas políticos chave desde a Primeira Guerra Mundial até os anos 1970 foram o do crescimento econômico e o da distribuição da seguridade social.²⁰ Tomando a Alemanha como modelo, aponta alguns argumentos que alicerçam esse antigo paradigma: os empresários e gerentes de empresas atuavam em mercados livres segundo critérios de rentabilidade; esta liberdade de propriedade e de inversão era justificada a partir de um discurso de filosofia moral e direito natural e o esquema constitucional do pós-guerra era uma democracia política do tipo representativa. Os atores sociais agem nesse antigo paradigma como grupos econômicos de interesse; os conteúdos básicos de suas ações são o crescimento econômico e a distribuição, a seguridade militar e social e o progresso material. Apontam como valores a liberdade e a segurança no consumo privado e o progresso material. Atuam de duas formas: internamente, através de organizações formais, associações representativas em grande escala e externamente, através da intermediação pluralista ou corporativista de interesses, na competição entre partidos políticos e a regra da maioria. Nesse sentido, a JOC, de acordo com sua forma de atuar, internamente está inserida no antigo paradigma, por se constituir em um movimento representativo dos operários em larga escala, como dito e, externamente, de maneira corporativista de interesses.

Uma de suas preocupações, pelo menos até o segundo período de sua existência no Brasil, foi o progresso material, além da seguridade social do trabalhador, tendo sempre apontado a liberdade como valor. O seu método de ação, “ver-julgar-agir”²¹ era adotado no sentido de observar a situação do operário e a atuação dos empresários, julgar de que lado estaria a razão e, só então, agir, buscando a seguridade social e a manutenção da harmonia entre as classes. No entanto, a partir do momento em que ocorreram as transformações políticas no país com o golpe de 64, a JOC transformou-se radicalmente, passando a ser um movimento contestatório, principalmente se levarmos em conta que, além de representativo dos operários, ainda

²⁰ OFFE, Claus. **Partidos políticos y nuevos movimientos sociales**. Madri: Sistema, 1998.

²¹ Este método foi idealizado pelo criado da JOC, Monsenhor Cardjin, procurando dotar o movimento de uma maneira de atuar na sociedade. Através do conhecimento prévio dos problemas, da análise ou julgamento dos mesmos, passava-se para a ação. Tal método foi incorporado pela Igreja Católica no Brasil e ainda hoje é amplamente utilizado, tendo sido, inclusive, reafirmado na Conferência do CELAM em Aparecida do Norte.

sem uma consciência clara de classe, era também representativa da juventude. Ou seja, de uma juventude que, muito cedo, era lançada ao mercado de trabalho.

A interrogação implícita nas diversas pesquisas sobre a condição juvenil é saber se os jovens são sujeitos potenciais de ação coletiva antagonista, segundo Alberto Melucci.²² Essa é a interrogação que se coloca em relação à JOC: a juventude operária brasileira nas décadas de 60 e 70 tinha condições potenciais para representar uma ação coletiva antagonista ao regime militar implantado no país? O regime assim entendeu, haja visto a perseguição que moveu contra o movimento, levando-o ao caminho da extinção. Segundo Kenneth Serbin,²³ “a JOC tornou-se uma das mais radicais organizações na Igreja brasileira”.²⁴ Uma de suas canções, composta em 1967, intitulada “Meu Brasil analfabeto”, convocava “toda a gente pra fazer revolução”.²⁵ No ano seguinte, alguns jocistas participaram de importantes greves contra o regime em Contagem e Osasco. Não tinha, porém, ligações reais com organizações revolucionárias, que viam os ativistas católicos como meramente reformistas. Isso, apesar de no final dos anos 60 a JOC ter passado a defender o socialismo. Com isso, entende-se porque o regime militar, entre agosto e outubro de 1970, ter desencadeado grande ofensiva contra o movimento. Ocorreram prisões no Maranhão e nas cidades do Rio de Janeiro e Volta Redonda. Alguns padres e numerosos jocistas foram torturados. A repressão, ainda segundo Serbin, tornou-se maior depois do AI-5, a partir do qual “o Exército se empenhou sistematicamente em destruir a organização”.²⁶ Já segundo Scott Mainwaring:

Já em 1970, o movimento (a JOC) tornara-se um dos alvos principais da repressão do regime militar por sua liderança junto aos movimentos populares, sua crítica radical ao regime e seu compromisso com o socialismo.²⁷

²² MELUCCI, Alberto. **A Invenção do Presente**. Movimentos Sociais nas Sociedades Complexas. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 100.

²³ SERBIN, Kenneth. **Diálogos na Sombra**. Bispos e Militares, tortura e justiça social na ditadura. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

²⁴ Ibid, p. 189.

²⁵ Ibid.

²⁶ Ibid.

²⁷ MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil (1916/1985)**. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 139.

Isso levou, inclusive, à diminuição do apoio dos bispos, o que constituiu, juntamente com a repressão militar, no assalto final que praticamente destruiu a organização. No entanto, a experiência da JOC vai exercer profunda influência no desenvolvimento da Igreja progressista nos anos 70, fazendo com que alguns bispos, devido à repressão, passem a assumir uma posição mais aberta contra o regime.

“Os ataques à JOC foram uma das razões principais para a criação da Bipartite”.²⁸ O exemplo da invasão do Ibrades²⁹ por membros do Dops da Guanabara em 1970 é ilustrativo disso. O Ibrades era dirigido pelos jesuítas e treinava jocistas e outros militantes de movimentos populares com a finalidade de implementar o movimento da Igreja por justiça social. Também servia de assessoria intelectual para a CNBB. Na ocasião, Helmo de Azevedo Sussekind, juiz que cuidava do processo contra o Ibrades na Justiça Militar, chegou a qualificar o órgão de contrário à Revolução de 1964, tendo pedido ao governo que expurgasse seus “elementos confessadamente marxistas e seguidores de ideologias exóticas”. Mas, o que exacerbou a crise entre a Igreja e o Estado foi a prisão de D. Aloísio Lorscheider, então secretário geral da CNBB. Considerado um moderado inofensivo, que não pertencia ao grupo de bispos abertamente críticos ao regime e perseguidos pelo Exército, o incidente o impediu de ir a um encontro com o Ministro da Justiça, Alfredo Buzaid, expoente civil da linha dura. Entretanto, devido à censura, poucos ficaram sabendo, no Brasil, das prisões na JOC e da detenção de D. Aloísio, o qual permaneceu quatro horas detido, incomunicável, no prédio do Ibrades.

Protestos no exterior foram mais importantes e quase provocaram um desastre diplomático para o regime. Na Europa, milhares de jocistas fizeram demonstrações de rua, congestionaram as linhas telefônicas das embaixadas brasileiras e inundaram suas caixas postais com protestos [...].³⁰

Daí podemos considerar a importância que o movimento jocista alcançou mundialmente. Como movimento operário e, sobretudo, jovem, a JOC adotou a postura

²⁸ A Comissão Bipartite foi formada por representantes do governo militar e da hierarquia da Igreja Católica com o objetivo de tentar um diálogo entre si e resolver as questões referentes às denúncias de tortura de um lado e de subversão do outro. A informação de que os ataques à JOC foram uma das causas para a sua criação consta em SERBIN, Keneth. **Diálogos na Sombra**. Bispos e Militares, tortura e justiça social na ditadura. São Paulo: Cia. das Letras, 2001, p. 190.

²⁹ Instituto Brasileiro de Desenvolvimento. Órgão dirigido pelos jesuítas na Cidade do Rio de Janeiro e que se especializou no treinamento para educação popular.

³⁰ SERBIN, 2001, p. 192-193.

apontada por Alberto Melucci: “Os jovens podem, portanto, tornarem-se atores de conflitos porque falam a língua do possível; [...] fazem exigência de decidir por eles próprios, mas com isto mesmo reivindicam para todos este direito”.³¹ E, mais adiante:

A cultura juvenil exige, então, da sociedade o valor do presente como única condição de mudança; exige-se que aquilo que vale se afirme no aqui e no agora; reivindica o direito à provisoriedade, à reversibilidade das escolhas, à pluralidade e ao policentrismo das biografias individuais e das orientações coletivas. E, por isso, não pode desencontrar-se com as exigências do sistema que impõe imprevisibilidade, redução da incerteza, estandarização.³²

Foi justamente essa reversibilidade de escolhas que ocorreu com a JOC brasileira. Como movimento social, apesar de ligada à Igreja Católica que não é, em si, um movimento do gênero, mas mantém em seu interior diversas organizações e pastorais voltadas para a realidade social, fundada no antigo paradigma, de uma simples organização que procurava a harmonia social reverteu sua posição, abraçando a luta da classe operária e mesmo do país contra o regime militar. Esmagada, ainda serviu de base para a tomada de posição aberta contra o governo por parte de membros da hierarquia eclesiástica, abrindo caminho para o que se convencionou chamar de progressismo nas fileiras do catolicismo brasileiro.

³¹ MELUCCI, Alberto. **A Invenção do Presente**. Movimentos Sociais nas Sociedades Complexas. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 102.

³² Ibid., p. 105.